

ROBERTO VILELA ELIAS

**Segregação residencial, Isolamento social e
Fracasso escolar:**

o caso da Rocinha.

**CCJE/IPPUR
2008**

ROBERTO VILELA ELIAS

**Segregação residencial, Isolamento social e
Fracasso escolar:**

o caso da Rocinha.

Monografia apresentada na forma de Artigo ao Curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Política e Planejamento Urbano.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro.
Doutor em Planejamento Urbano pela
Universidade de São Paulo.

Rio de Janeiro
2008

E42s Elias, Roberto Vilela.
Segregação residencial, isolamento social e fracasso
escolar : o caso da Rocinha / Roberto Vilela Elias. – 2008.
28 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (especialização)
– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de
Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.
Bibliografia: f. 27-28.

1. Segregação – Rocinha (Rio de Janeiro, RJ).
2. Discriminação na habitação. 3. Isolamento social.
4. Fracasso escolar. 5. Rocinha (Rio de Janeiro, RJ).
I. Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz. II. Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa e
Planejamento Urbano e Regional. III. Título.

CDD: 305.56

RESUMO

ELIAS, Roberto Vilela. Segregação Territorial, Isolamento Social e Fracasso Escolar: o caso da Rocinha. Artigo (Especialização em Política e Planejamento Urbano) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Este artigo tem por objetivo debater algumas questões que contribuem com a reprodução de trajetórias de insucesso escolar de algumas crianças da Rocinha, que estudam em escolas da rede municipal de ensino, notadamente na quarta série do Ensino Fundamental. Crianças oriundas de favelas quando matriculadas em escolas municipais são alocadas em escolas que em sua maioria congregam alunos de uma mesma comunidade, não dando chance a essas crianças de se relacionarem com outras crianças oriundas de diferentes localidades. O que acaba envolvendo-as em uma rede de relações diretamente ligada aos fatores: escola, localização domiciliar e posição social. Um círculo vicioso onde a dinâmica sócio-territorial acaba engendrando uma série de fatores que concorrem para a perpetuação da desigualdade e do isolamento social dessa população menos favorecida.

Palavras-Chave: Segregação Residencial, Fracasso Escolar, Isolamento Social, Rocinha, Gávea..

ABSTRACT

ELIAS, Roberto Vilela. Segregação Territorial, Isolamento Social e Fracasso Escolar: o caso da Rocinha. Artigo (Especialização em Política e Planejamento Urbano) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

This article has for objective debate some questions that contribute with the reproduction of school failure trajectories of some children from Rocinha, who study in municipal schools, in the fourth grade of Fundamental Segment. Children of slum quarters when registered in municipal schools were placed in schools that in majority congregate pupils of one same community, not giving them the possibility of relating with other children of different localities. What finishes involving them in a net directly associated with the factors: school, domiciliary localization and social position. A vicious circle where the social-territorial dynamics finishes producing a series of factors that contribute for the perpetuation of the inequality and the social isolation of this disfavored population.

Keywords: Residential Segregation, School Failure, Social Isolation, Rocinha, Gávea.

Lista de Ilustrações

- 1 - Mapa de Localização do Bairro da Gávea – página 10.
- 2 – Ilustração de um aluno da E.M. Artur Ramos representando seu local de residência, a Comunidade Parque da Cidade – página 12.
- 3 – Ilustração de um aluno da E.M. Artur Ramos representando seu local de residência, a Rua 1 na Rocinha – página 13.
- 4 – Ilustração de uma aluna da E.M. Artur Ramos representando seu local de residência, o Terreirão na Rocinha – página 13.
- 5 – Foto da Rua Marquês de São Vicente – Gávea – por volta das 12:00h – página 14.
- 6 – Foto da Rocinha pelo lado de São Conrado – página 15.

Sumário

Resumo/Abstract -----	3
Lista de Ilustrações -----	4
1 Introdução -----	6
1.1 Alguns Problemas da Educação no Brasil -----	7
2 Dados Sobre o Território da Escola: o início do trabalho de campo -----	10
2.1 Dados do Território de Moradia dos Alunos -----	15
3 Etnografia do Território de Moradia dos Alunos: Rocinha e Parque da Cidade -----	16
4 Conclusão -----	24
Referências Bibliográficas -----	26

1 – Introdução

Este artigo tem por objetivo debater algumas questões que contribuem com a reprodução de trajetórias de insucesso escolar de algumas crianças da Rocinha, que estudam em escolas da rede municipal de ensino, notadamente na quarta série do Ensino Fundamental.

Os dados que aqui apresentarei são oriundos da pesquisa: *“Segmentação Social, Segregação Urbana, Desigualdade Social: o “efeito vizinhança” e o “efeito escola” na explicação do desempenho escolar de estudantes de quarta-série do ensino elementar”*, que vem sendo realizada pelo Observatório das Metrópoles desde 2004, sob coordenação do professor Luiz César de Queiroz Ribeiro (IPPUR/UFRJ) e da professora Maria Josefina Gabriel Sant’anna (PPCIS/UERJ). Participo desta pesquisa desde o seu início na qualidade de bolsista quando ingressei no IPPUR. O trabalho de campo referente a essa pesquisa teve início em 2005, onde procuramos selecionar escolas localizadas nos mais diferentes pontos da cidade, a fim de não ficarmos com uma amostra muito restrita em uma região, como a Zona Sul por exemplo. Nesta fase inicial da pesquisa realizamos um trabalho estritamente quantitativo, com aplicação de questionários aos diretores e professores das escolas, bem como aos responsáveis dos alunos nas reuniões de pais. Também aplicamos testes de português e matemática às crianças no início e no final do ano com a intenção de comparar as notas para ver se haveria alguma evolução de seu desempenho ao final do ano letivo.

Essa metodologia foi fruto de uma parceria estabelecida com a professora Maria Lígia de Oliveira Barbosa (IFCS/UFRJ) que já havia empregado essas provas e questionários em uma pesquisa *“Educação e a Herança da Desigualdade: o impacto da cor”* realizada por ela em escolas municipais e estaduais de Belo Horizonte. Esse estudo fazia parte de um trabalho maior realizado pela UNESCO em outros países da América Latina. As provas de português e matemática; os questionários de pais, professores, diretores e fichas de avaliação dos alunos utilizados pela professora Maria Lígia de Oliveira Barbosa, e posteriormente por nós do Observatório das Metrópoles que apenas fizemos algumas modificações a fim de melhor adequá-los a questão do território.

Na ocasião fiquei responsável por pesquisar uma escola localizada na Barra da Tijuca, no interior de um luxuoso condomínio. Acompanhei uma turma de 4º série desta escola de abril a dezembro de 2005, onde tive contato com crianças que embora estudassem na Barra da Tijuca, pouquíssimas moravam ali, a maioria vinha de Jacarepaguá, apenas para quantificar numa turma de 39 alunos apenas três residiam na Barra. Filhos de empregadas domésticas e porteiros que moravam no local de trabalho dos pais.

No ano de 2006, após o curso “Pesquisa e Formação em Trabalho de Campo” ministrado pela professora Karina Kuschnir, que nos forneceu toda orientação para realizarmos o trabalho de observação participante, partimos para uma análise mais qualitativa, aplicando a técnica da etnografia. Através da vivência do dia-a-dia da escola e das crianças em seu bairro de moradia.

Nesta fase fiquei responsável por realizar o trabalho em uma escola municipal localizada na Gávea, bairro que detêm a primeira colocação no ranking de IDHs da cidade do Rio de Janeiro, segundo dados do Instituto Pereira Passos. Nesta escola entrei em contato com crianças que moravam na Rocinha e lá viviam uma realidade completamente diferente do bairro onde se localizava a escola. A finalização desta atividade de campo ocorreu em janeiro de 2007 quando, de comum acordo com os responsáveis, visitei cinco domicílios de alunos da turma que pesquisei; quatro na Rocinha e um na comunidade Parque da Cidade. Muito próximas geograficamente, e dominadas pela mesma facção que controla o tráfico de drogas na região, a A.D.A (Amigos dos Amigos). É nesta escola da Gávea que focarei minha análise a fim de desenvolver este artigo.

Inspiro-me no artigo: Seduzidos e Abandonados de Ruben Kaztman, publicado da Revista da CEPAL de dezembro de 2001 e parto do princípio de que a escola deveria ser um local de integração e democratização de oportunidades. Segundo Kaztman, a maioria das políticas públicas que se implementam nos países latino-americanos, de elevação do bem-estar da classe pobre urbana não se preocupam com a integração dessas pessoas na sociedade. Essas populações que já vivem em espaços segregados, com trabalhos instáveis, vão se tornando cada vez mais isoladas do restante da sociedade. As disparidades de ingresso no mercado de trabalho entre trabalhadores de alta e baixa qualificação intensificam o problema do desemprego e aumenta o número de trabalhadores subempregados no mercado informal. Esse isolamento afasta cada vez mais os pobres urbanos dos ativos que poderiam dar-lhes a chance de progredir a fim de buscar uma melhor inserção no mercado de trabalho e na sociedade. Já que no mundo de hoje o trabalho se configura num dos principais vetores de integração à sociedade. Neste quadro o sistema educacional, a escola, tem um importante papel de integração social, a partir do momento em que pode congrega jovens de diferentes estratos sociais em seu interior. Mas o que vemos na prática é justamente o inverso disto; já que os ricos estudam em colégios de ricos, a classe média frequenta instituições de mesmo perfil social, e os pobres ficam isolados em escolas que atendem a uma população cada vez mais marginalizada do restante da sociedade, reforçando assim o padrão de desigualdade. Quando, em realidade, a escola deveria ter um papel de congrega em seu interior jovens de diferentes

classes, a fim de desenvolver entre eles laços de integração e solidariedade. Contribuindo para superar esta situação de desigualdade, buscando melhores colocações no mercado de trabalho e inserção na sociedade.

Trazendo isso para o contexto que vivenciei no trabalho de campo em escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, crianças oriundas de favelas quando matriculadas em escolas municipais – pois me foco no Ensino Fundamental – são alocadas em escolas que em sua maioria congregam alunos de uma mesma comunidade, não dando chance a essas crianças de se relacionarem com outras crianças oriundas de diferentes localidades. O que acaba envolvendo-as em uma rede de relações diretamente ligada aos fatores escola, localização domiciliar e posição social. Pois quando falamos em favela, além de caracterizarmos um local na cidade também definimos uma posição social de conotação inferior, o favelado. Assim tanto no interior da favela como na escola, os alunos ficam restritos a um convívio com colegas que vivem o mesmo cotidiano dentro da comunidade. Um isolamento que não abre possibilidades de convívio com crianças que vivem outras realidades, por residirem em locais diferentes. Assim, entramos em um círculo vicioso onde a escola acaba conformando um quadro em que essas crianças ficam cada vez mais isoladas do restante da sociedade e restritos aos de sua comunidade, mesmo quando fisicamente fora dela. Fazendo com que não consigam enxergar nem tampouco almejar nada além daquilo que faz parte do contexto escolar-territorial em que se encontram, e conseqüentemente reproduzindo trajetórias de desigualdade e isolamento, muitas vezes já percorridas por seus responsáveis.

1.1 – Alguns Problemas da Educação no Brasil

A realidade da Educação no Brasil é pautada por problemas como: analfabetismo, altas taxas de repetência, evasão escolar, problemas relacionados à violência no interior das escolas, baixa remuneração dos professores, dentre outras. Durante o ano de 2006 um jornal de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro, O Globo, fez uma série de reportagens mostrando as condições de algumas escolas na cidade do Rio de Janeiro. A situação ali descrita era muito preocupante, escolas em comunidades carentes que ficavam literalmente na linha de tiro dos traficantes, onde as crianças além dos conteúdos programáticos têm treinamento para se jogar ao chão o mais rápido possível quando os tiroteios começam. Condições físicas precárias com banheiros inutilizados por problemas no encanamento, pichações nas paredes e carteiras quebradas. Enquanto isso outras escolas, intituladas pelos

programas educacionais do governo municipal, como “escolas modelo” geralmente localizadas em bairros de grande visibilidade social e de alto poder aquisitivo, como a Escola Municipal Sérgio Vieira de Mello, no Leblon. Escolas onde tudo funciona, os banheiros são limpos, as salas de aula bem arejadas, iluminação abundante, quadras esportivas, etc.

Políticas educacionais são elaboradas por educadores e pela classe política ao longo dos anos. Porém, na maioria dos casos, isso acaba não se traduzindo em benefícios para a população de uma forma geral. O último grande projeto realizado nesse sentido aqui no Rio de Janeiro foram os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), escolas idealizadas pelo antropólogo Darcy Ribeiro e Leonel Brizola, governador do Estado à época, onde as crianças passariam o dia inteiro na escola realizando tarefas tanto em sala de aula, como práticas esportivas em quadras e piscinas. A chamada educação integral. O projeto arquitetônico dos CIEPs foi de autoria de Oscar Niemeyer, com prédios baixos de no máximo três andares, janelas grandes e arredondadas. De início, apesar de criticado por alguns agentes da grande mídia, os CIEPs deram certo. Mas depois outros governos não deram seqüência ao projeto e como resultado disso restaram os “Brizolões” que assim são chamados pela população. Ou seja, CIEPs que hoje são escolas municipais, ou estaduais – em sua maioria mal conservados - e que perderam o sentido da educação integral de quando começaram.

Dentro deste quadro há uma perpetuação dessas mazelas, notadamente o analfabetismo, altas taxas de repetência e evasão escolar. Dados do SAEB 2001 (Sistema de Avaliação do Ensino Básico) destacam como principais problemas: fracasso escolar, defasagem idade/série, problemas de aprendizagem e estrutura das escolas.

Para melhor demonstrar isto, cito aqui alguns dados da tese de Doutorado “Qualidade da Educação Fundamental Pública nas Capitais Brasileiras: tendências, contextos e desafios” de Fátima Cristina Alves da PUC-Rio, defendida em março de 2007. Por exemplo; a taxa de defasagem idade-série, que demonstra se o aluno está com a idade certa para a série em que está matriculado, e conseqüentemente se ele já repetiu alguma série ou não; em Belém 50% dos alunos matriculados na 4º série do Ensino Fundamental tem idade defasada em relação à série que cursam, já em São Paulo essa taxa cai para 10%, e no Rio de Janeiro fica em 28%. A taxa de repetência na rede municipal de Belém é 25%, em São Paulo 7%, e no Rio de Janeiro 15%. Ou seja, no caso do Rio de Janeiro onde temos 15% de taxa de repetência na rede municipal, o que a priori não parece muito, quando esses estudantes chegarem à 8º série (se chegarem), o índice de defasagem idade-série será muito maior. Em 2004 foi de 38%. (*Dados do Censo Escolar*)

#

A pesquisa que realizei, de posse desses dados, tem por intenção aliá-los ao fator localização tanto da escola como da residência dos alunos, para assim melhor entender os problemas que listei anteriormente. Fatos que serão melhor explicados ao longo do artigo quando descreverei com detalhes itens inerentes à escola e ao bairro de localização desta e da residência dos alunos.

Eu, particularmente, motivei-me pela pesquisa e escolhi realizar meu trabalho de campo em uma escola na Gávea, primeiramente por me interessar por questões ligadas à desigualdade social/educação e perpetuação dessas desigualdades. Segundo por conhecer bem o bairro e a rotina de algumas pessoas que moram ali.

Nesse sentido as obras: “Seduzidos e Abandonados” de Ruben Kaztman, como já citei anteriormente, bem como “Escritos de Educação” e “Efeito do Lugar” de Pierre Bourdieu - onde o autor demonstra que o espaço social reificado (fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados. É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado.

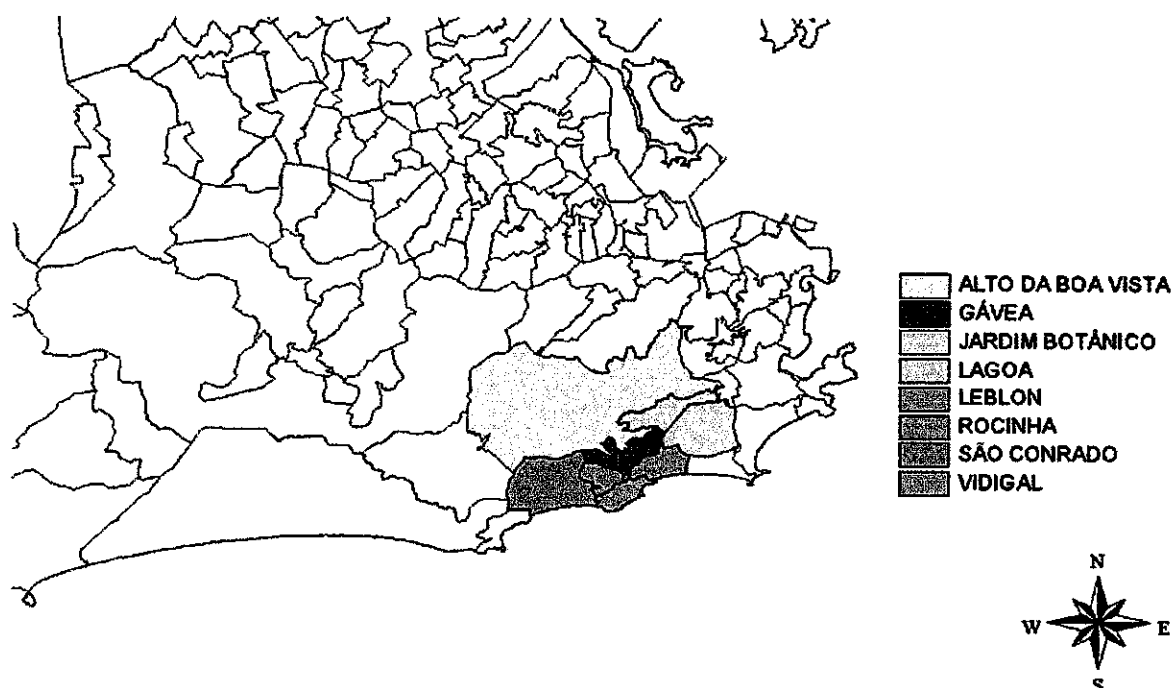
Obras que foram muito relevantes para mim enquanto instrumentos para melhor entender esse processo da distribuição de bens e agentes por região, e também a escola como um agente que reflete e reproduz diferenças sociais.

2 – Dados Sobre o Território da Escola: o início do trabalho de campo

Com base nas tabelas do Portal GEO, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a Gávea é o bairro com o maior IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, esse índice varia de 0 a 1 - da cidade somando 0,970 pontos. Conta com 17.475 habitantes e 6580 domicílios. Os responsáveis por esses domicílios têm em média 15 anos de estudo. A Gávea possui 6 Escolas Municipais, as quais somam 3.346 alunos. (Armazém de Dados / GeoRio – Prefeitura, 2000). Uma discrepância a ser notada é que no *site* da Secretaria Municipal de Educação – Cartela Escolar – constam 9 Escolas Municipais no bairro. (Cartela Escolar, 2005).

Localizado no entroncamento entre a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Rocinha, o Leblon e o Jardim Botânico, o bairro possui uma população com alto padrão de consumo, comércio sofisticado e movimentada vida cultural devido à quantidade de teatros e cinemas, notadamente no Shopping da Gávea. E também pelo fato de abrigar a Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), a Escola Parque, a Escola Americana e o Planetário. A vida noturna do bairro é bastante agitada, com os bares do Baixo Gávea muito freqüentados por artistas de televisão, música e cinema. Bem como pelos jovens que moram nas redondezas. Um bairro que proporciona alta qualidade de vida semelhante à de países como: Noruega, Suécia, Canadá e Austrália. Todos com IDH acima de 0,960 pontos.

Mapa de Localização da Gávea



É neste contexto que se encontra a escola pesquisada e alvo de análise neste artigo. Situada a Rua Marquês de São Vicente, a Escola Municipal Artur Ramos, passa quase despercebida ao olhar dos que por ali trafegam. Seu muro detentor de um extenso alambrado com muitas plantas esconde a fachada da escola que divide o muro dos fundos com o Planetário e o lateral com o estacionamento da PUC-Rio.

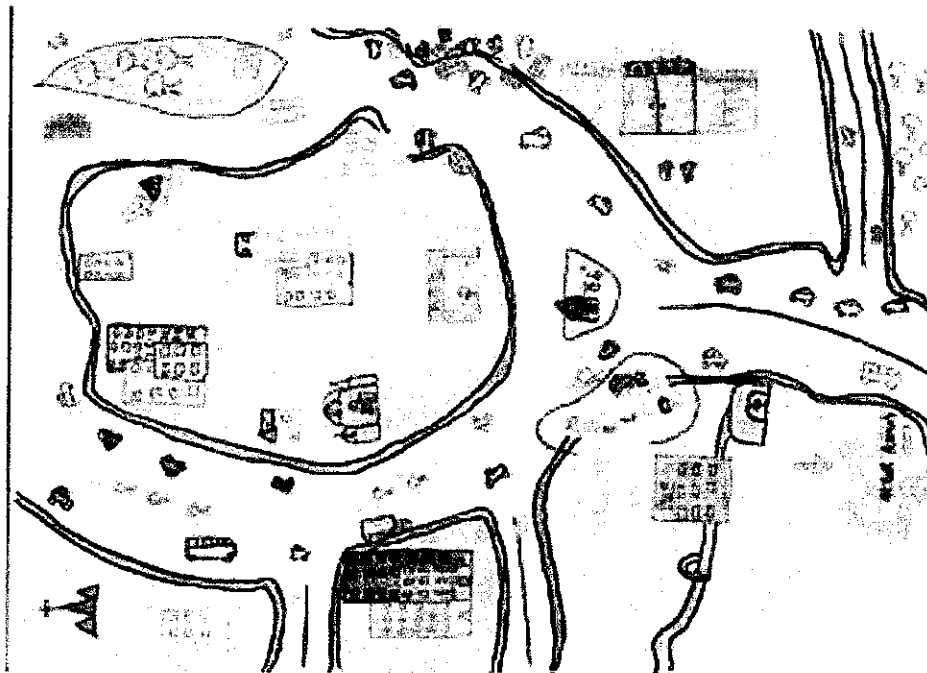
A escola não tem um espaço físico grande, não possui quadra poli-esportiva, sala de informática nem biblioteca. Possui oito salas de aula, refeitório, cozinha, dois banheiros, sala de professores e sala da direção onde ficam a Diretora, a Diretora-Adjunta e a Orientadora Pedagógica. O prédio da Escola é muito quente, pois seu telhado é de zinco e suas paredes

internas são feitas de uma espécie de papelão, materiais que conservam muito calor. Em alguns momentos o estar dentro da Escola era bastante desconfortável devido ao forte calor. A Artur Ramos atende a alunos da Educação Infantil a 4º série do Ensino Fundamental. A imensa maioria desses alunos vem da Rocinha, e alguns poucos da comunidade Parque da Cidade.

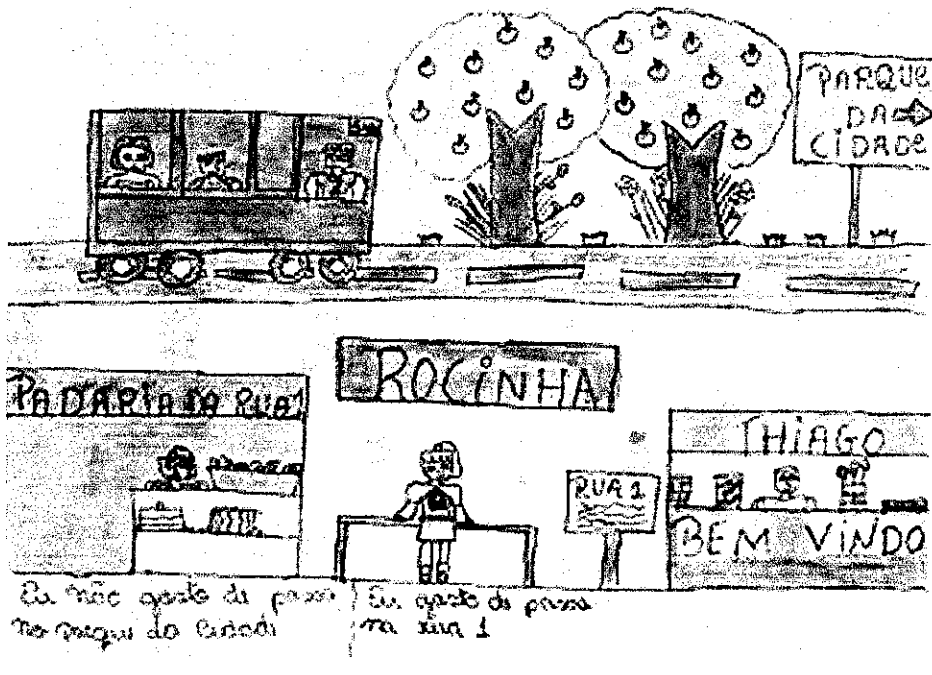
Meus primeiros contatos com a escola se deram no mês de setembro de 2006, quando fui recebido pela Orientadora Pedagógica da escola. Tivemos um ótimo relacionamento durante todo o período em que lá estive. Antes de iniciar o trabalho de campo conversei com a Diretora que de início mostrou certa desconfiança com relação à pesquisa, mas depois de conversamos detalhadamente lhe mostrei todas as autorizações da Secretaria Municipal de Educação comprovando a veracidade do trabalho bem como minha posição enquanto pesquisador. Assim, Angélica Serpa, a Diretora, aceitou acolher o trabalho etnográfico e me levou a uma turma de 4º série regida pela professora Renata Guerra. A turma 403, do turno da tarde, tinha 28 alunos, desses 18 meninas e 10 meninos. Dos quais 25 moravam na Rocinha, 2 na comunidade Parque da Cidade e 1 na Gávea que morava no local de trabalho do pai, porteiro.

Ao longo de toda a minha estadia lá busquei vivenciar de perto o dia-a-dia dos alunos, a dinâmica de funcionamento da escola, conhecer suas famílias, sua casa, o bairro onde moram, dialogar ao máximo com as crianças, conversar e ouvir o que eles tinham a dizer. Ao longo de todo trabalho de campo dei atenção especial às conversas com os alunos, a todo o momento estava perto deles, batendo papo, ajudando nas tarefas escolares e até mesmo brincando. Foram momentos em que conseguia informações e relatos de modo muito espontâneo. Ou seja, procurei focar minha observação no convívio com a criança. E assim, munido das informações que me eram passadas pelos alunos, entender como encaravam e o que esperavam da escola, como era morar na Rocinha, seus medos e desejos.

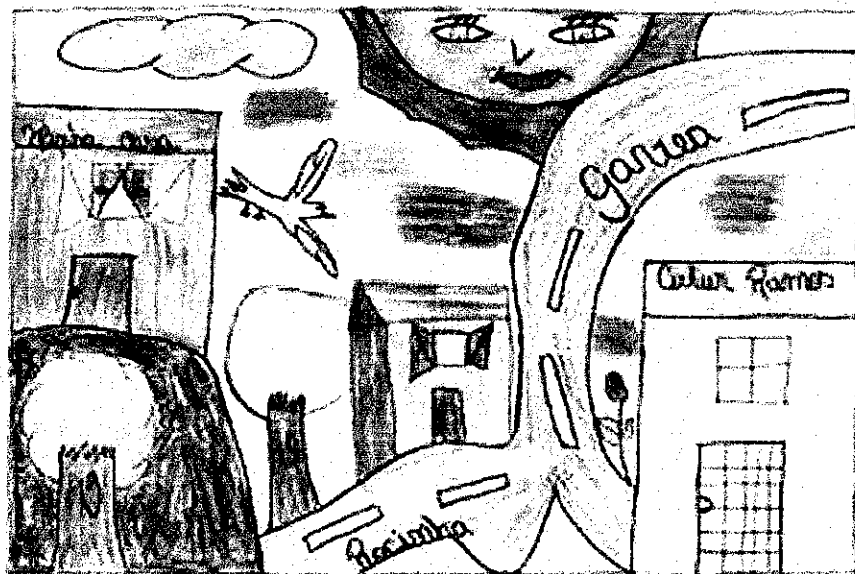
Uma tarefa interessante que propus a eles foi desenhar em uma folha de papel A4 o local onde moravam destacando os pontos que mais gostavam e que menos gostavam. E colocassem no verso da folha o nome do bairro e da rua em que residiam. Dei-lhes três dias de prazo para a realização da tarefa. No dia marcado para a entrega dos desenhos me surpreendi com tamanha riqueza de detalhes e a noção de espaço que eles tinham do local onde viviam e dos bairros circundantes. Desenhos que demonstram uma forte ligação com o local onde moram. Anexarei ao artigo algumas dessas ilustrações:



Aluno morador da comunidade Parque da Cidade.

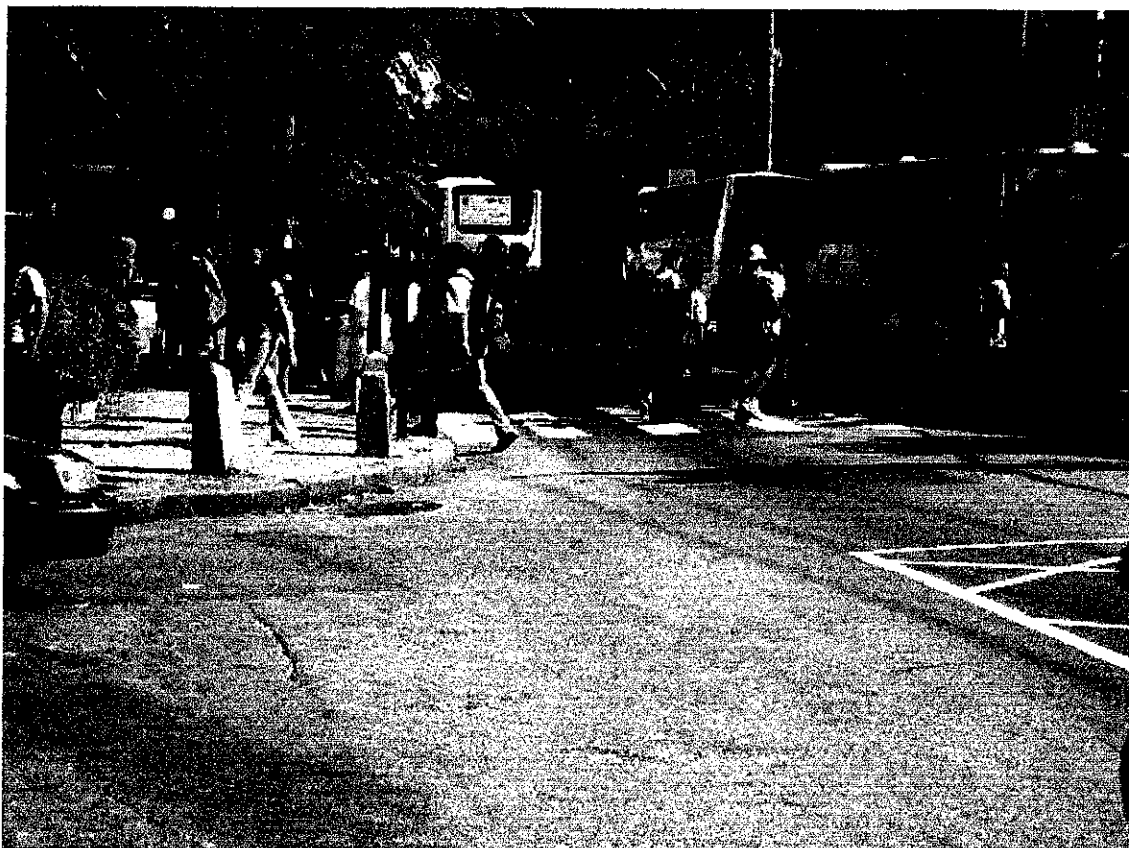


Aluno morador da Rocinha – Rua 1.



Aluno morador da Rocinha – Terreirão.

Visitei a casa de cinco alunos da turma de 4º série onde realizei o trabalho. Destes cinco, quatro moravam na Rocinha e um no Parque da Cidade. Quanto à seleção dos domicílios que visitei, procurei agir naturalmente com os alunos e responsáveis explicando a pesquisa, mostrando a importância que teria para meu trabalho visitá-los em suas casas. Alguns se opuseram dizendo que não poderiam me receber, outros se prontificaram de imediato passando-me o telefone em que poderia contatá-los para marcar a visita. E assim, através desse contato com os responsáveis defini os cinco domicílios que visitaria. O material, os dados que consegui, foram todos pautados no diálogo com os atores.



Rua Marquês de São Vicente, Gávea, num dia de semana por volta do meio-dia.

2.1 – Dados do território de moradia dos alunos

Com uma população composta de muitos imigrantes nordestinos a Rocinha é um bairro novo. Seu decreto de criação data de 18 de junho de 1993. Possui uma população de 56.338 habitantes, e um total de 16.999 domicílios. Os responsáveis por esses domicílios contam em média com 4 anos de estudo. Na classificação dos IDHs da cidade a Rocinha ocupa a posição 120º com 0,732 pontos. Realidade bem diferente de seus vizinhos mais próximos Gávea e São Conrado.

A Rocinha possui 3 escolas municipais, que totalizam 2.576 alunos matriculados. O comércio local é bem variado, com muitas mercearias, lanchonetes, pequenas oficinas de carro e moto, locadoras de vídeo e dvd, *lan-houses*, etc. Um tipo de comércio completamente diferente dos seus bairros vizinhos que contam com shoppings - Shopping da Gávea e Fashion

Mall - e muitas lojas de grifes estrangeiras como: Lacoste, Tommy Hilfiger, Ralph Lauren, Calvin Klein, Levis, dentre outras.

Mais adiante quando falar a respeito de minhas visitas aos domicílios na Rocinha falarei sobre o bairro mais detalhadamente. Bem como da comunidade Parque da Cidade.

(Armazém de Dados / GeoRio – Prefeitura, 2000).



Vista da Rocinha pelo lado de São Conrado.

3 – Etnografia do território de moradia dos alunos: Rocinha e Parque da Cidade

Sem dúvida alguma, esse foi o momento mais importante do meu trabalho de campo, era a oportunidade que eu tinha de vivenciar *in loco* a realidade daquelas crianças, analisar diferenças e motivações de certos tipos de comportamento, gírias, trejeitos, e perspectivas de futuro. Avaliar a forma como o contexto social em que a criança está inserida influencia no processo de escolarização e no desenvolvimento da mesma. O “efeito vizinhança”, ou seja, como as redes de relações interpessoais que a criança estabelece em seu bairro de moradia (local socializador) podem influir no seu comportamento e no seu desenvolvimento, a partir

da idéia de que: “os ideais e os atos do indivíduo dependem do grupo ao qual ele pertence e dos fins e expectativas desse grupo.” (Bourdieu, 1966)

O critério que escolhi para definir os domicílios que visitaria foi a aceitação dos responsáveis. Conversava com os pais, geralmente, na hora da entrada ou saída dos alunos e assim fui me aproximando deles, explicando a pesquisa e perguntando se poderia visitá-los em suas casas. Alguns ficavam sem jeito, diziam que não poderiam me receber, pois trabalhavam muito e quase não estavam em casa, outros aceitavam de pronto, me passando seus telefones e endereço. Procurei não insistir muito com os pais que se opuseram a visita por considerar essa ida à casa dos alunos uma questão muito íntima, sendo assim não quis forçar situações. Combinei com os pais que aceitaram, que faria contato com eles na primeira semana de janeiro a fim de agendar as visitas. E assim foi feito, entrei em contato com as famílias das alunas: Isabelle Moraes de Sousa, Ana Luiza Pereira Fonseca, Helen Cristina de Oliveira Gomes, Raynne Brasiliana Barbosa dos Santos e Jéssica Galvão da Costa. Das cinco famílias contatadas quatro moravam na Rocinha e uma no Parque da Cidade.

Quando ligava para marcar com os pais, o combinado era sempre o mesmo: “Você já veio na Rocinha?”, me perguntava o responsável pela criança, respondia que não, e eles completavam: “Então você vai pegar o 592 na Marquês, ele vai subir a Marquês toda, pegar a Estrada da Gávea, passar pelo Parque da Cidade e você continua subindo. Aí pede pro trocador te avisar aonde é o ponto da Rua 1, desce ali e me liga que eu vou te buscar.” Quando ia para o Parque da Cidade o combinado era o mesmo, porém ao invés de pegar o 592, pegava o 158 também na Rua Marquês de São Vicente, e descia no ponto final dele que fica na entrada do Parque da Cidade, na Estrada da Gávea.

A primeira vez que estive na Rocinha foi para visitar a casa da aluna Isabelle. Cumprindo o combinado com sua mãe Rita desci no ponto de ônibus da Rua 1. Ao meu redor havia uma oficina, uma mercearia, um ponto de moto-taxi, uma agencia dos Correios, um bar, duas locadoras e uma pastelaria. Um amontoado de construções debruçadas na Estrada da Gávea.

Parado no ponto de ônibus da Rua 1, já dentro da Rocinha, fiquei observando o lugar por alguns instantes. Telefonei para Rita, mãe de Isabelle, que foi me buscar. Em cerca de 5 minutos ela chegou ao ponto, me cumprimentou e perguntou: “É a primeira vez que você vem na Rocinha mesmo?”, respondi-lhe que sim, e ela emendou: “Bem vindo à maior favela da América Latina!” (risos).

Entramos na Rua 1 indo em direção a sua casa e passamos por um grupo de três traficantes que fumavam um cigarro de maconha na frente de um bar, todos armados com pistolas. Andamos por cerca de cinco metros e chegamos a sua casa. Ao entrar fui recebido por

Isabelle que me abraçou com muita alegria e disse: “Você demorou tanto pra vir, tio! Achei que não vinha mais!”, e eu respondi: “O combinado não foi que eu viria em janeiro. Então?!”. A menina sorriu me pegou pela mão e foi me mostrar seu quarto. Todo decorado com pôsteres da novela Rebelde que passava no SBT, o quarto de Isabelle tinha uma cama com lençol rosa e alguns ursinhos de pelúcia espalhados sobre ela, uma estante com televisão, computador (com internet), e alguns brinquedos. Ao lado desta estante Isabelle me mostrou a mesa aonde ela fazia os trabalhos da escola. O piso da casa inteira é composto de cerâmica branca. Voltamos para a sala que tinha dois sofás de dois lugares uma estante com: televisão, dvd e rádio. Fiquei conversando com elas por cerca de 1h e 30min, fiz o questionário com Rita e ficamos papeando. E eram justamente nessas conversas “descompromissadas”, sem questionário, que eu conseguia os relatos mais naturais e fidedignos. Ela disse que é muito difícil criar um filho na Rocinha, ainda mais sendo menina “mal as meninas ganham corpo e esses traficantes já ficam tudo de olho, provocando”, palavras de Rita que tem 41 anos e é natural de São Benedito, no Ceará. É manicure e trabalha em um salão no Leblon. Ela gostava muito da Artur Ramos, pois em sua opinião era uma escola perto de casa, com um ensino bom e que os professores quase não faltavam. Fez questão de me dizer que acompanha de perto os passos de Isabelle: “Estou sempre de olho, quero saber aonde vai, com quem vai, a hora que vai voltar, quero conhecer os pais das amigas dela. Aqui você sabe como é, né?!”. A mãe aprova o relacionamento da filha com as amigas: Ana Luiza, Raynne e Helen. Perguntei-lhe sobre Maria Carolina, uma menina que me chamava de pai durante todo o tempo que estive fazendo trabalho de campo na escola, e Rita respondeu: “Th... Meu filho, essa aí é caso perdido. O pai largou da mãe e sumiu, a mãe é outra maluca que bota homem dentro de casa e manda a menina pra rua. Às vezes ela bate aqui de madrugada pedindo abrigo para não passar a noite na rua porque a mãe está com homem em casa.”. Quando Rita me disse isso, comecei a entender porque Maria Carolina me chamava de pai. E continuou dizendo: “O tipo de criação que a criança tem em casa é muito importante. A escola não tem nada a ver, a escola só ensina as matérias.”, quando perguntei se o local de moradia da criança, o bairro, pode influenciar no desenvolvimento das crianças, Rita respondeu: “Pode até influenciar um pouco, mas não é o principal. Pra mim o principal é a educação de casa.”. E continua: “É por isso que eu gosto que ela ande com a Ana, a Helen e a Raynne, porque elas também têm mães atuantes.”. O pai de Isabelle é separado de sua mãe, mas Rita não quis comentar a respeito. Sempre que eu fazia alguma pergunta relacionada ao pai da menina ela desviava o assunto.

Quanto à vida na Rocinha, elas dizem gostar do lugar pela facilidade de comércio e por ser perto de bairros como a Barra da Tijuca e o Leblon. Mas criticam a situação do tráfico de

drogas e dos tiroteios. Isabelle já perdeu alguns dias de aula devido a conflitos entre traficantes da favela e nesse ponto o discurso dos pais acaba sendo o mesmo; todos dizem gostar da Rocinha, mas tem vontade de deixar o local. No caso de Rita ela diz ter vontade de se mudar para Rio das Pedras, principalmente pela ausência do tráfico.

Um fato importante a ser colocado é que a Rua 1 não é somente uma rua, mas toda uma região. É o ponto mais alto da Estrada da Gávea. A Rocinha é dividida em lugares como se fossem bairros, além da Rua 1 e do Vale Vermelho, também têm: o Vale Verde, Labourieux, Valão, Terreirão, Roupa Suja, Rua 2, Rua 3, Rua 4, o 199, Barcelos, dentre outros. Alguns desses lugares tive a oportunidade de conhecer andando pela comunidade, como: a Rua 1, o Vale Vermelho, Terreirão e o 199. Outros pude avistar do alto da laje de algumas casas que estive, aonde os pais iam apontando para esses lugares e me dizendo os nomes. Depois sem fazer muito esforço era só estender um pouco o olhar para ter a visão completa do bairro de São Conrado até o Clube Costa Brava, na Joatinga. Uma realidade econômica e social completamente diferente da Rocinha, onde eu estava, mas muito próximas geograficamente, quase coladas, divididas apenas pelo olhar.

Dentro da comunidade o preço dos imóveis varia de acordo com sua altura. Ou seja, quanto mais alto, mais longe do “asfalto”, menor é o preço. Pois é muito cansativo subir e descer aquelas escadas todos os dias. E também porque à medida que vamos subindo o morro a presença do tráfico é cada vez maior. Do Vale Vermelho em diante, e principalmente no Terreirão, a presença de homens armados com fuzis, pistolas e escopetas é cada vez mais comum, bem como o cheiro de maconha nos pontos de venda do tráfico, as chamadas “bocas de fumo”. As pichações com a sigla A.D.A (Amigos dos Amigos), são uma constante por toda a comunidade. A.D.A é facção que tem que o controle dos pontos de venda de droga na Rocinha atualmente, depois da morte do traficante Lulu, que era do C.V. (Comando Vermelho). Antigo chefe do tráfico na favela.

No dia seguinte visitei a casa da aluna Helen Cristina de Oliveira Gomes, no Vale Vermelho, um pouco acima da Rua 1. Helen foi me buscar no ponto de ônibus como sempre combinava com os responsáveis. Ao chegar a sua casa fui recebido por Teodora de Oliveira Gomes, sua avó materna. A mãe de Helen; Márcia de Oliveira Gomes tem 34 anos e é balconista de uma papelaria em Botafogo, trabalha o dia inteiro fora e a menina é criada basicamente pela avó. Seu pai quando na época da gravidez de sua mãe não quis assumir a criança e “sumiu no mundo”, palavras da avó. Teodora me recebeu com uma xícara de café, um pedaço de bolo e falou logo em seguida: “Come meu filho. Come porque você tem que ficar forte pra subir esse monte de escadas”. Não pude recusar tamanha gentileza. Ela disse

que gostava muito da professora Renata, mas que teve pouco contato, pois só a via nas reuniões. Quanto a Diretora Angélica Serpa, Teodora disse: “Ela é muito legal, muito positiva. Na eleição a gente sempre vota nela”. Dora, apelido pelo qual Helen se refere à avó, conhece as amigas mais próximas da neta, como Isabelle e Jéssica Santos: “São crianças muito boas, moram no mesmo lugar e estudam na mesma escola”. Teodora é baiana, tem 69 anos e mora na Rocinha há 51, desde 1957. Já morou em diversos pontos da comunidade e hoje está no Vale Vermelho. Tem uma relação cordial com seus vizinhos, porém não muito próxima. Como ela mesmo diz: “Em favela não é bom ficar de papo com vizinho, tem muita fofoca. Cada um cuidando de sua vida é melhor. Não incomoda ninguém que ninguém vai te incomodar”. Continuamos nossa conversa e inevitavelmente começamos a falar sobre o tráfico e sua influência na comunidade. Teodora, com um tom de voz mais baixo, relata que antes da morte do traficante Lulu, do Comando Vermelho, a situação na comunidade era mais calma, viam-se menos homens armados nos becos e a polícia quase não subia. Lulu distribuía presentes para as crianças no Natal, ajudava a comunidade comprando remédios e material de construção para os mais pobres terminarem suas casas. Depois de sua morte, a facção A.D.A que assumiu a Rocinha não manteve o mesmo convívio com a comunidade que Lulu mantinha. Agora a presença de homens armados pela favela é constante, bem como os pontos de venda ficaram mais próximos da Estrada da Gávea (que corta a Rocinha) para facilitar a venda. E ela volta a falar: “Antes não tinha esse monte de cara armado subindo e descendo nem esse cheiro de maconha, as crianças não conviviam com isso na época do Lulu”. A casa em que Helen mora com sua avó e sua mãe tem uma sala, uma cozinha, um quarto onde as três dormem, um banheiro e uma sacada. Um espaço bem reduzido, semelhante a um *kit-net*.

Dois dias depois visitei a casa da aluna Ana Luiza Pereira Fonseca. Sua casa fica na Rua 1, bem na Estrada da Gávea. Chegando ao portão, que fica praticamente em frente ao ponto de ônibus, fui recebido por sua mãe Sônia Maria Pereira, 32 anos, branca e natural da cidade do Rio de Janeiro. Sempre morou na Rocinha. Começamos a conversar e Sônia me revelou que apesar das notas boas ela acha Ana Luiza um pouco desconcentrada, e que a menina estava fazendo aulas de reforço com uma professora particular mesmo nas férias. Sônia é dona de casa, seu marido é técnico de refrigeração e também faz biscate como vigia em um condomínio na Estrada da Gávea, perto da Escola Parque. A renda mensal da família é de aproximadamente R\$ 1.600,00. Ana Luiza, sua mãe Sônia, mais duas irmãs e o pai moram em uma casa de dois andares mais um terraço com churrasqueira. A casa tem três quartos sendo que no quarto dos pais de Ana Luiza há um computador com acesso à internet. No quarto dela existem duas camas uma escrivaninha onde ela faz as tarefas escolares e uma estante com

televisão a cabo, vulgarmente chamada de “GatoNet”. Ana Luiza sempre estudou em escolas do município, desde a creche. As principais críticas de sua mãe a Artur Ramos foram: “A escola é pequena, abafada, muito quente”. Sônia disse gostar muito da Professora Renata e da Diretora Angélica, “A Angélica é um barato, toca a escola com pulso. Senão vira bagunça. A escola pública de hoje está em decadência, deixa muito a desejar. É muito fácil, eles só repetem da 5º série em diante, até a 4º eles não podem ser reprovados”. Para ela o bairro onde as crianças moram não tem muita influência na Educação, diz ela: “O bairro não, pois todos moram praticamente no mesmo lugar. As crianças daqui são aplicadas e muito tranquilas, não fazem bagunça. A criação que é o fundamental”. Quanto ao futuro de Ana Luiza, as expectativas da mãe não são muito otimistas, ela acha difícil que a filha consiga chegar a Universidade por ser muito desatenta e preguiçosa nos estudos. Ana Luiza estudou na Escola Municipal Artur Ramos do C.A. a 4º série, agora na 5º ela vai para a E.M. Jorge Pfischter, no Leblon. Sônia gosta muito da Rocinha, “nasci e fui criada aqui” palavras dela. Mas quando perguntada se pensa em sair a resposta é afirmativa, e como justificativa surgem questões ligadas ao tráfico. Ela diz: “Depois que mataram o Lulu a coisa só piorou, volta e meia a gente escuta tiro, eles ficam fumando maconha pela comunidade. Quando o Lulu estava aí não tinha isso não”. Pediu para ela falar um pouco mais sobre como se deu essa transição do C.V. para a A.D.A, e ela continuou: “Antigamente tinham dois, o Lulu e o Dudu, eram amigos, e comandavam o movimento aqui na comunidade. O Dudu sempre fui violento, resolvia tudo na bala e acabou sendo preso. Só que dentro da cadeia quando teve aquela confusão lá em Bangu I que mataram o Uê e tudo, o Dudu mudou do Comando Vermelho pra A.D.A. Quando ele voltou começou a guerra porque ele queria tomar a favela. Aí começaram as invasões, era muito tiro, o BOPE e o CORE viviam aqui em cima”. BOPE é a sigla que designa o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar, e CORE; Coordenadoria de Recursos Especiais, tropa de elite da Polícia Civil.

No domingo visitei a quarta criança na Rocinha. Fui à casa da aluna Raynne Brasileira Barbosa dos Santos, ela tem 11 anos, é natural de Maceió (AL) e mora na Rocinha desde que chegou ao Rio de Janeiro com sua família há 8 anos. Raynne mora numa parte da Rocinha chamada de Terreirão, um dos pontos mais altos da comunidade e que conta com presença ostensiva do tráfico. Ao subirmos para sua casa passamos por duas bocas de fumo onde os traficantes, sempre armados, apenas nos observavam. Alguns portavam armamento pesado como fuzis AR-15, escopetas e granadas. Subimos muitos degraus até chegarmos a sua casa, Raynne me disse que da última vez que contou eram 160 degraus. Enfim chegamos, e ela me apresentou a sua mãe Maria de Fátima Brasileira da Silva, 30 anos e também natural de

Maceió (AL). De sua casa temos uma visão completa do bairro da Gávea e da Escola Americana como Maria de Fátima me disse ao apontar: “É ali que a filha da Xuxa estuda!”. Ela é assistente de cozinha e trabalha com alimentos naturais, embora adore uma batata frita como me confessou. O pai biológico separou-se dela por causa do vício em álcool e maconha, como Maria de Fátima mesmo me falou. A menina foi criada por ela e pelo padrasto. A matrícula de Raynne na E.M. Artur Ramos foi influenciada por três motivos como sua mãe me contou: a proximidade de casa, boas indicações de vizinhos e pelo fato de algumas amigas da menina estudarem lá. Fátima falou: “Gostava muito da educação que eles passavam. Mas não gostava da Diretora, ela era muito implicante. Quando tentei transferir o irmão da Raynne pra lá ela não ajudou em nada.” Outras críticas feitas por ela à escola foram a falta de espaço e o calor. Quanto a Professora Renata, “ela é muito boa, excelente profissional, todas as mães gostavam dela”, palavras de Fátima. Ela também me disse que o bairro de moradia pode ser um fator relevante na formação da criança, mas que a criação e os exemplos de casa contam muito também. Os principais colegas de Raynne são: Isabelle, Jéssica, Kayan, Maria Carolina e Diego. Na opinião de sua mãe, são crianças calmas e educadas, menos Maria Carolina. Ela acredita que Raynne vai conseguir chegar a Universidade por ser muito estudiosa. A casa em que vivem tem: uma sala, dois quartos, um banheiro e uma cozinha. No quarto de Raynne, que ela divide com o irmão de 13 anos, existe uma cama beliche, um armário e um pôster dos Rebeldes que ela fez questão de me mostrar. Voltei para a sala e continuei conversando com Maria de Fátima, ela me levou até o quintal para mostrar melhor a visão que tinha do bairro da Gávea. Lá de cima vemos logo de frente a Escola Americana, abaixo de sua casa existe uma quadra poli – esportiva e uma laje onde alguns traficantes observam o movimento de carros e pedestres na Estrada da Gávea. No horizonte os edifícios localizados a Rua Marquês de São Vicente que de perto parecem tão grandes, lá de cima ficam pequenos, como se fossem miniaturas. Como pontos positivos de morar na Rocinha, Maria de Fátima destaca o fato de conhecer todos os vizinhos que moram próximo e o fato de não ter assalto. Já como ponto negativo, ela é enfática: o tráfico. Ao final Raynne desceu comigo pelos mesmos becos que subimos deixando-me no ponto de ônibus da Rua 1, onde peguei novamente o 592 que me deixou na Gávea.

Saindo um pouco da Rocinha, descendo a Estrada da Gávea, porém não muito, chegamos a uma comunidade de nome Parque da Cidade. Para chegar lá peguei o ônibus da linha 158, na Rua Marquês de São Vicente, e desci no ponto final que fica na Estrada da Gávea, um pouco acima da Escola Parque, bem na entrada do Parque da Cidade. Quando me refiro ao termo Parque da Cidade, estou falando da comunidade que se formou um pouco abaixo da Rocinha.

O nome é inspirado no Parque que existe ali perto, porém a entrada deste fica em uma bifurcação na Estrada da Gávea pela qual o ônibus passa, mas não entra, e assim termina seu itinerário na entrada da comunidade onde descí.

Chegando lá liguei para Joelma Galvão dos Santos, mãe de Jéssica Galvão da Costa, que veio me buscar no ponto. Sua casa fica perto da entrada da comunidade, cerca de 3 metros adiante, é um sobrado com sala, quarto, cozinha e banheiro. Neste domicílio moram: Jéssica que tem 11 anos, sua mãe Joelma, a irmã Jennifer e mais dois irmãos. Cinco pessoas no total. O pai de Jéssica é separado de sua mãe e mora em São Paulo, lugar onde elas moravam antes de vir para o Parque da Cidade. Joelma não tem familiares residindo perto de sua casa, seu ex-marido continua em São Paulo, e seus tios e primos moram na Pavuna.

Falando sobre a E.M. Artur Ramos, ela me disse que gostava muito da Professora Renata, qualificando-a como “uma boa professora”. Quanto a Diretora Angélica, Joelma disse que a conhecia pouco e que por isso preferia não falar nada a seu respeito. Como críticas à escola, Joelma destaca a falta de espaço para as crianças brincarem. As colegas mais próximas de Jéssica são: Raynne e Jéssica Santos, amizade que sua mãe aprova por se tratarem de crianças calmas em sua opinião. Joelma é empregada doméstica, mas no momento está desempregada. Para compensar a atual situação ela faz biscate vendendo botijões de gás na comunidade. Joelma tem 32 anos e é natural de Maceió, Alagoas. Jéssica também é alagoana, nascida em Maceió. Ela se diz católica, como todas as outras famílias que visitei antes também disseram ser.

Joelma conheceu o Parque da Cidade através de amigas que moravam na comunidade, assim, quando voltou de São Paulo foi morar lá. Ela diz que o lugar é calmo e que apesar de existir tráfico eles não tem problemas de tiroteio já que a comunidade possui apenas um ponto de venda de drogas, ou seja, uma boca de fumo, e que esta é uma espécie de filial da Rocinha. A mesma facção que controla o tráfico na Rocinha é quem gerencia esse ponto de venda no Parque da Cidade. Joelma se refere aos traficantes locais como rapazes e diz: “Os rapazes aqui são tranquilos, não andam armados, só ficam ali em cima, perto do bar, vendendo lá o negócio deles. A gente não se mete com eles e eles não se metem com a gente”. O sobrado onde Joelma mora com seus filhos fica perto da entrada da comunidade, em baixo de sua casa existe um salão de beleza, em frente temos uma padaria e um açougue, e ao lado de sua casa um bar. Por conta disso ela diz gostar muito do local onde mora por ter tudo perto, além do ambiente calmo e bem diferente da Rocinha – em sua opinião.

As duas comunidades apesar de próximas, geograficamente falando, são bem diferentes quanto ao funcionamento. No Parque da Cidade não há a agitação que encontramos na

Rocinha, não existem pontos de moto-taxi tampouco homens amados circulando pela comunidade. Porém com o avanço de ambas, devido ao crescimento desordenado, há grande possibilidade das comunidades se fundirem em um futuro próximo. A fronteira pode continuar existindo em termos simbólicos para os moradores que lá habitam, mas no plano físico ela está cada vez mais tênue.

4 – Conclusão

Com base nas observações de campo, tanto na escola como no bairro de moradia dos alunos fica claro que eles não vivem uma situação que incentive sua escolarização. Muito embora os responsáveis afirmem que o local de moradia pouco influência a formação da criança e que o mais relevante é a educação dada em casa, os exemplos que cercam esses meninos e meninas não são muito motivadores no que diz respeito à persistência nos estudos, e ao sucesso escolar.

As condições materiais que os cercam se impõe como fatores difíceis de serem transpostos, bem como as condições físicas do local onde vivem. Casas pequenas, pouco arejadas, quentes, a proximidade diária com o tráfico de drogas que influencia mais notadamente os meninos. Da turma pesquisada três crianças tinham irmãos envolvidos com o tráfico, fora outros alunos da escola que viviam a mesma situação, sem contar os que tiveram parentes presos ou mortos. Como me foi confidenciado pela Orientadora Pedagógica da E.M. Artur Ramos, Maria Helena. Os responsáveis passam a maior parte do dia fora de casa trabalhando e não tem tempo para acompanhar de perto os filhos.

Os colegas de bairro acabam se tornando as principais referências de sua rede de relacionamentos, tanto dentro como fora da comunidade. O fato de estudarem em uma escola fora da Rocinha, em um bairro que detêm o maior IDH da cidade, como a Gávea, me fazia uma impressão boa no início da pesquisa. Como se essa vivência em um local diferente do que eles moravam fosse contribuir no sentido de terem contato com fatos e situações diferentes do que eles estão habituados, fazendo com que o “efeito pares” funcionasse positivamente. Mas em realidade isso tem um efeito contrário, de grande retração, de não se sentir nem ser visto como parte daquele território no qual se localiza a escola. As crianças pouco circulavam pela Gávea, seu trajeto resumia-se basicamente ao percurso escola-ponto de ônibus. A relação escola-bairro inexistente, não há qualquer envolvimento dos moradores da Gávea com a escola, seus filhos não estudam ali, e nem em ocasiões como festa junina, por

exemplo, em que a escola fica aberta ao público os moradores locais a freqüentam. Conformando um quadro paradoxal de proximidade territorial e distância social. Ou seja, fisicamente a escola se localiza na Gávea, mas simbolicamente é tida como algo que não faz parte daquele universo. Um quadro negativo no que diz respeito ao “efeito pares”, já que as crianças ficam cada vez mais restritas ao convívio com os de sua comunidade.

Não existe qualquer envolvimento da PUC-Rio com a escola, nenhum tipo de projeto, programa ou parceria. O que dá margem a um sentimento de frustração e desmotivação dos estudantes da “escola de favela”. A universidade se torna algo tão valioso e ao mesmo tempo distante da realidade daquelas crianças, oriundas de uma fatia da sociedade com baixas chances de apropriação do bem cultural que a PUC-Rio representa, que o ato de estudar visando o ingresso na universidade e futuramente melhor colocação no mercado de trabalho acabam sendo questionados por eles mesmos mediante a realidade que vivem, e criando uma sensação de despossessão destes das pré-disposições para a escolarização.

Nesse sentido o isolamento social a que essas crianças ficam sujeitas se torna algo natural, tido como normal e vivido constantemente. Tanto no bairro de moradia, uma favela, como na escola. Vistos como locais que não fazem parte da cidade, corpos estranhos. Bem como na Gávea, bairro da escola, onde não se sentem nem são vistos como parte daquele território. O que contribui ainda mais para a estagnação e até involução do capital social e cultural dessas famílias. Que a cada dia ficam mais imersas na ambiência do bairro de residência e nas relações interpessoais ali contraídas. É o que Bourdieu vai chamar de “efeito do lugar” e Kaztman de “efeito vizinhança”. Uma população concentrada territorialmente e homogeneamente despossuída, notadamente de capital cultural, práticas culturais, e de instituições que promovam maior integração com o restante da sociedade. O que contribui no sentido de aumentar ainda mais o isolamento social por eles vivido. O efeito do lugar ou o efeito vizinhança também se fazem presentes em função da proximidade territorial com outro grupo – no caso os moradores da Gávea e de São Conrado – que ocupam posições mais elevadas na hierarquia socioespacial da cidade, e possuem maior capital social e cultural. Assim gerando dificuldades para que a população da Rocinha construa identidades coletivas referentes à sua posição no espaço social da cidade.

Dessa maneira o ato de estudar acaba perdendo o sentido para essas crianças quando a adolescência vai chegando. Baixas condições materiais, cobranças em casa para que logo comecem a trabalhar e ajudem com as despesas do lar, somadas ao baixo capital social e cultural, acabam fazendo com que esses jovens abandonem os estudos para se empregarem em funções de baixa qualificação, subempregos, e conseqüentemente baixos salários como:

domésticas, porteiros, ajudantes de pedreiro, faxineiros, entregadores de farmácia, vendedores ambulantes, dentre outros. Sem contar os que acabam se engajando no tráfico de drogas, que além de um salário relativamente alto para os padrões da comunidade, lhes dota de certo prestígio local. A escola perde cada vez mais o papel integrador que teve no passado, e hoje o que se tem é um sistema educacional segmentado com diferentes tipos de escola para diferentes classes sociais. O que contribui para a continuidade de insucessos escolares, dificuldade de se obter um emprego, e conseqüentemente a perpetuação da condição de exclusão das camadas pobres urbanas. Um círculo vicioso onde a dinâmica sócio-territorial acaba engendrando uma série de fatores que concorrem para a perpetuação da desigualdade do isolamento social dessa população menos favorecida.

Referências Bibliográficas

KAZTMAN, Ruben. - **Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos.** - Revista de La CEPAL – v.75 p.171-188 dezembro/2001.

KAZTMAN, Ruben – **Efectos de la Segregación Urbana Sobre la Educación en Montevideo** – Revista de La CEPAL, v.91, abril de 2007.

BOURDIEU, Pierre - **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: Escritos de Educação. - Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999

BOURDIEU, Pierre - **Efeitos do Lugar.** - In: A Miséria do Mundo. - Petrópolis: Vozes, 1997.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis; MARBELA, Juliana Eleuze Carreira – **Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar em um enclave urbano. A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro.** – Observatório das Metrópoles, 2007.

TURNER, M. A.; Ellen, I. G. - **Does neighborhood matter? Assessing recent evidence.** Housing Policy Debate. - V.8 p.833-866, 1997.

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira – **A qualidade da escola e as desigualdades raciais no Brasil** in Beltrão, K. et alli – Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras – IPEA e Ford Foundation, 2005.

FRANCO, Creso; BONAMINO, Alicia; FERNANDES, Cristiano – **Repetência Escolar e Apoio Social Familiar: Um Estudo a Partir dos Dados do SAEB 2001** - PUC-Rio, agosto de 2002.

ZAN TEN, Agnès van – **Cultura da Rua ou Cultura da Escola?** – Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p.23-52, 2000.

SARAVÍ, Gonzalo. - **Segregación urbana y espacio público: los jóvenes en enclaves de pobreza estructural.** - Revista de La CEPAL v. 83. P. 33-48. Agosto, 2004.

ALVES, Fátima Cristina de M. – **Qualidade da Educação Pública nas Capitais Brasileiras: Tendências, Contextos e Desafios.** – Tese de Doutorado, PUC-Rio, março de 2007.